



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

HISTÓRIA E IMAGEM: LINGUAGEM E CULTURA VISUAL

Adriano Cecatto*

Márcio Regis Fernandes**

1

As discussões surgidas no âmbito da Nova História contribuíram para repensar as parcerias da História com as ciências sociais. A interdisciplinaridade foi retomada para constituir o centro da *Nouvelle Histoire*. As mudanças provocadas no âmbito cultural contribuíram para que pesquisadores passassem a multiplicar seus objetos de pesquisa, seus métodos e conseqüentemente a produção historiográfica.

Dentre os novos objetos de pesquisa, a imagem têm sido um documento cada vez mais utilizado entre os historiadores e demais áreas afins, como vestígio do passado, como objeto e como fonte de pesquisa em História. Consideramos a imagem nas suas diversas categorias (estáticas e em movimento), reconhecendo a especificidade dessa categoria documental, para que possa ser tratada como tal, e não como uma narrativa textual.

* Graduado em História (UFPR) e Teologia (PUC-PR), especialista em Metodologias do Ensino de História (UECE) e mestrando em Educação (UECE). E-mail: adriano_tto@yahoo.com.br

** Graduado em Comunicação Social (UFC) e licenciado em História (UECE). Especialista em Metodologias do Ensino de História (UECE) e Didática (UECE). Mestrando em Educação (UECE). E-mail: fernandesregismarcio@gmail.com

A imagem pensada como artefato cultural expressa valores de uma determinada sociedade, nos remete ao seu imaginário social, podendo assim trazer a tona as teias culturais do tempo e espaço estudados. Segundo Barbosa e Cunha (2006, p.12): “Cultura não estaria apenas nos artefatos, mas também em hábitos, valores e comportamentos que precisavam ser apreendidos pela observação e registrados”. Ora, os historiadores não são antropólogos, mas podem servir-se de técnicas e métodos para constituir a pesquisa histórica.

Dividimos nossa escrita em dois momentos. Primeiramente, abordaremos a relação constituída entre imagem e História, considerando a produção imagética como objeto de pesquisa. Em seguida, trataremos a imagem como documento, constituindo entre os historiadores (e não historiadores) o que podemos chamar de cultura visual, reconhecendo sua evidência na sociedade contemporânea.

HISTÓRIA NOVA E O DOCUMENTO IMAGÉTICO

2

Com a *Nova História*,¹ ocorreram mudanças epistemológicas em relação à ideia de tempo histórico e, sob interferência das ciências sociais, a História também se modificou no campo das técnicas e dos métodos, passando a considerar os diferentes documentos que podem contribuir na constituição do conhecimento histórico. A *nouvelle histoire* negou a existência de um tempo progressivo, contínuo, cumulativo, assim como a hipótese de um tempo linear. Na reflexão de Reis (2011, p.81) “os *Annales* produziram uma ‘descontinuidade’, realizaram uma ‘mudança substancial’, porque apresentaram, sob o signo das ciências sociais, outra concepção do tempo histórico, outra noção de duração e de conhecimento da duração”. Conforme Magalhães (2002, p.32),

[...] os *novos problemas* resultam da necessidade de redefinir a história, tendo em conta a consciência da sua relatividade e a ‘agressão’ das ciências sociais; as *novas abordagens* correspondem à

¹ Tendo Jacques Le Goff como referência na revista, propôs pensar novos problemas, novas abordagens e novos objetos. Segundo Burke (1992, p.10) “a nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional”, como foi o caso da historiografia proposta por Leopold Von Ranke. Segundo Burke (1997, p.132): “A expressão foi popularizada pelo livro *La nouvelle histoire* (1978), editado por Jacques Le Goff e outros, mas já havia sido reivindicada, anteriormente, para os *Annales*. Braudel havia falado de uma *história nova* em sua aula inaugural no Collège de France (1950)”.

exigência de ultrapassar as divisões tradicionais da história; os *novos objetos* são resposta à ‘bulimia’ da história, cujo apetite devora um pouco de tudo, do clima ao corpo, passando pela festa, pelo inconsciente ou pela cozinha. Esta multiplicidade de abordagens e de perspectivas permitiu dar mais ênfase às situações concretas, aos sujeitos e às suas representações e contribuiu também para dar um novo realce a conceitos, como, por exemplo, o da relatividade do conhecimento histórico.

Com as novas exigências da História, esta se associou a outras disciplinas, tais como: semiótica, linguística, literatura, mitologia comparada, psicanálise, antropologia. “Sensível às interrogações do presente, a história se aliou à antropologia e se interessou pelos aspectos simbólicos e culturais da sociedade” (REIS, 2000, p.113). A história cultural foi aos poucos ganhando espaço da história econômico-social.

Com a História Cultural, historiadores têm se utilizado do conceito de representação para debater sobre a produção e consumo de imagens, da criação e da apropriação das mesmas, como objeto e fonte de pesquisa. Essa é uma análise de trabalho a partir da cultura, que se sobrepondo à abordagem da história das mentalidades e da *Nova História* “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, p.16-17). A produção denominada de Nova História foi criticada pelo seu caráter fragmentário de seus objetos, por deixar de lado a história global. No entanto, na década de 1980, “[...] muitos historiadores aproximaram-se dos sujeitos e objetos de investigação da Antropologia” (BITTENCOURT, 2009, p. 149).

Roger Chartier, historiador vinculado à historiografia francesa têm elaborado em seus estudos os conceitos de representação e apropriação, por meio da obra *Lectures et lecteurs dans la France d’Ancien Régime* (1987). Representação é algo que permite ver alguma coisa ausente: “[...] nele o social só faz sentido nas *práticas culturais* e as classes e grupos só adquirem alguma identidade nas configurações intelectuais que constroem, nos símbolos de uma realidade contraditória representada” (VAINFAS, 1997, p.155). Para Chartier (2002, p.20) a relação de representação pode ser entendida “como relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente”. E a apropriação enfatiza uma história social das interpretações, que remetem a determinações sociais, institucionais e culturais. Roger Chartier aplicou esses conceitos no estudo da teatralização da vida social do Antigo Regime, na literatura.

A representação como categoria central da História Cultural foi adotado por historiadores à partir dos estudos de Marcel Mauss e Émile Durkheim, no século XX. Segundo Pesavento (2008) os indivíduos atribuem sentido ao mundo através das representações que constroem sobre a realidade das experiências vividas. Representar então pode ser entendido como presentificar o ausente e, requer percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão.

Com a multiplicação das fontes de pesquisa, a iconografia tem sido cada vez mais utilizada pela História Cultural para o estudo das representações das ações humanas na história. Os registros históricos por meio de imagens têm proporcionado o confronto e diálogo com outros documentos, contribuindo com o uso da linguagem visual no ensino dessa disciplina. O uso de imagens tem possibilitado novas reflexões metodológicas, e isso se deve ao intercâmbio epistemológico promovido pela interdisciplinaridade.

PESQUISA EM HISTÓRIA: A CONSTITUIÇÃO DA CULTURA VISUAL

4

As imagens, antes de se tornarem objetos culturalmente produzidas e modificadas, foram pensadas mentalmente a partir de um determinado tempo e espaço. Conforme Santaella (2008, p.15), “[...] Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais”. Os seres humanos, no decorrer da história, em diferentes sociedades, utilizaram-se da linguagem imagética para representar suas vivências sociais.

Referente ao uso de diferentes fontes, historiadores como Peter Burke (2004, p.12) apontou para a existência da “invisibilidade visual” entre os historiadores, que teriam deixado de tratar a imagem como evidência na pesquisa em história.

Imagens nos permitem imaginar o passado de forma mais vivida [...] Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas (BURKE, 2004, p.17).

Essa dita “invisibilidade visual” entre os historiadores ocorre muito em função da supervalorização das fontes escritas e a não utilização da narrativa imagética. A própria cultura escolar Ocidental está arraigada ao uso da escrita e da oralidade. “A iconografia é, certamente, uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada” (PAIVA, 2006, p.17). A utilização de imagens permaneceu na França por um longo período, como objeto de análise reservado à história da arte. “Por falta de interesse ou de competência, os historiadores das sociedades ou das culturas negligenciaram durante muito tempo as fontes iconográficas, deixadas à erudição museográfica ou ao comentário estético” (CHARTIER, 1993, p.405).

Napolitano (2006, p.235-236) descreve o uso das fontes audiovisuais, reconhecendo seu crescente espaço em pesquisas históricas no decorrer do século XX. No aspecto metodológico, é concebida pelos historiadores como fonte primária nova, com seus desafios. Paradoxalmente, há pesquisadores que a consideram como fonte de testemunhos quase diretos e objetivos dos eventos e personagens históricos, com poder ilustrativo; por outro lado, são caracterizadas por seu estigma de excesso de subjetividade. Mesmo com a existência da tensão entre objetividade e subjetividade, o autor propõe pensar essa natureza de objeto e fonte “em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos”. E para tal, sugere a verificação dos códigos próprios dessa linguagem, que para o historiador, necessita ir além da ilustração.

Assim, a utilização de imagens para a pesquisa e ensino em História remete ao conceito de representação como fundamental para o estudo da cultura, a fim de entendermos a “presentificação de uma ausência”, ou seja, o que não está dito, mas que precisa ser lido, decifrado. Do conceito de representação advém o de imaginário como “sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história, para dar significado às coisas” (PESAVENTO, 2008, p. 13). O mundo é constituído socialmente pelo pensamento e ao mesmo tempo transformado pela ação de representar. Segundo Aumont (1993, p.121), o imaginário como domínio da imaginação, compreende-se como uma faculdade criativa produtora de imagens, que podem vir a ser exteriorizadas de alguma forma concreta a posteriore. Antes das

imagens serem concretizadas, elas passam pelo pensamento, pelas formações imaginárias dos seres humanos.

Outro conceito que se situa nas representações é o de sensibilidades. Segundo Pesavento (2008, p.14): “As sensibilidades são formas de apreensão e de conhecimento do mundo que estão para além do conhecimento científico, que não brotam do racional ou das construções mentais mais elaboradas”. A sensibilidade pode ser traduzida em emoções e sensações afetadas pelos sentidos em contato com a realidade. Da cultura e representações também surge o conceito de memória: “como a história é a narrativa que presentifica uma ausência no tempo, a memória recupera, pela evocação, imagens do vivido. É a propriedade evocativa da memória que permite a recriação mental de um objeto, pessoa ou acontecimento ausente” (PESAVENTO, 2008, p.15). Esses conceitos fazem-se importantes para os pesquisadores da cultura, a fim de que possam compreender as ações humanas no tempo.

A análise de imagens e discursos visuais que são produzidos em determinada cultura, podem servir de possibilidade no diálogo com as regras e os códigos dessa cultura. “Imagens podem ser utilizadas como meio de acesso a formas de compreensão e interpretação das visões de mundo dos sujeitos e das teias culturais em que eles estão inseridos” (BARBOSA; CUNHA, 2006, p.53-54).

Um aspecto a ser considerado na pesquisa com imagens, segundo Mauad (2004) e Ribeiro (2004), refere-se à necessidade da “educação do olhar”, que é um processo que envolve percepção e interpretação. Na sociedade contemporânea detecta-se cada vez mais a produção de imagens, portadoras de mensagens que precisam ser lidas.

Existem regras de leitura dos textos visuais que são compartilhados pela comunidade de leitores. Tais regras não são geralmente espontaneamente; na verdade, resultam de uma disputa pelo significado adequado às representações culturais. Sendo assim, sua aplicação, por parte dos leitores/destinatários envolve, também, a situação de recepção dos textos visuais (MAUAD, 2004, p.24-25).

Segundo Sardelich (2006, 475) que discute sobre a necessidade de uma alfabetização visual à partir da leitura de imagens e da cultura visual, sinalizando

proximidades e distâncias para a aplicação na prática educativa, reconhece a crescente utilização das imagens na pesquisa em História,

[...] apesar do baixo número de pesquisadores ‘alfabetizados visualmente’ [...] e das dificuldades e limites que o âmbito acadêmico impõe a esse tipo de pesquisa. Uma dessas dificuldades é a resistência de alguns teóricos a aceitar a aproximação, o rascunho, o movente, a criação, a imaginação e os sentimentos como campos que tecem o itinerário argumentativo do conhecimento.

Considerando que as imagens não se limitam a ilustrar, mas que também educam e possibilitam a produção do conhecimento, a sua leitura requer o conhecimento da semiótica, pois se a imagem é entendida como signo que contém uma variedade de códigos culturais, o processo de elaboração da leitura requer conhecimento e compreensão desses signos (SARDELICH, 2006, p.453). Para a leitura de imagens há de se considerar aspectos denotativos e conotativos (JOLY, 1996; BARTHES, 1974; AUMONT, 1993; SANTAELLA, 2008). Para Sardelich (2006, p.456):

A denotação refere-se ao significado entendido “objetivamente”, ou seja, ao que se vê na imagem “objetivamente”, a descrição das situações, figuras, pessoas e ou ações em um espaço e tempo determinados. A conotação refere-se às apreciações do intérprete, aquilo que a imagem sugere e/ou faz pensar o leitor.

7

Para Pesavento (2008, p.109), tanto a narrativa textual como a imagética possuem saberes específicos: “o ato de ler, com seu simbolismo de códigos, analogias e convenções; a composição da imagem, com suas técnicas, regras, convenções e formas de educação do olhar”. Diferente de outros documentos, essa categoria de linguagem foi criada para transmitir uma mensagem própria. Por esse motivo, torna-se necessário estudar primeiramente os produtores ou realizadores e considerar as fragilidades impostas naturalmente por esse tipo de documento.

Relativamente poucos periódicos históricos trazem ilustrações e, quando o fazem, poucos colaboradores aproveitam essa oportunidade. Quando utilizam imagens, os historiadores tendem a tratá-las como meras ilustrações, reproduzindo-as nos livros sem comentários (BURKE, 2004, p.12).

José da Silva Ribeiro (2004), relata a importância da aproximação entre antropologia e cinema, considerando o quesito espaço e tempo. Por não lhe ser atribuído estatuto de igualdade com a escrita, “[...] a imagem, cada vez mais utilizada pela

ciência, é ainda pouco credível nos meios científicos, nas escolas, na universidade” (RIBEIRO, 2004, p.18). Reconhecendo que as imagens e os meios tecnológicos da sociedade contemporânea com seus meios de representar são cada vez mais privilegiados.

A alfabetização visual referida pelo autor faz-se necessária em função da necessidade do estudo das potencialidades das imagens e sua produção pelos meios de comunicação modernos. Essa proposta de alfabetização visual sugerida por José da Silva Ribeiro possibilita tornar os indivíduos lúcidos e críticos das mensagens visuais transmitidas pelos diversos processos de comunicação. Dessa forma, as imagens são fontes ricas e repletas de possibilidades, desde que forjada adequadamente, levando em consideração as suas fragilidades. São registros com os quais se devem estabelecer um diálogo contínuo. Nessa perspectiva, constata-se um crescimento significativo do uso de fontes de natureza não-escrita (NAPOLITANO, 2006). As fontes audiovisuais, como qualquer tipo de fonte, portam em si uma tensão entre a evidência e representação.

O trabalho com imagens tem instigado pesquisadores de diversas áreas, e segundo Paiva (2006, p.19) a utilização “[...] da iconografia e das representações gráficas pelo historiador vem propiciando a apresentação de trabalhos renovadores e, também, instigando novas reflexões metodológicas”. Com a leitura de imagens torna-se prudente entender os valores, desafios, problemas e inquietações despertados no tempo presente, e que, portanto, eram diferentes do tempo da produção e dos criadores. Nesse contexto, as muitas possibilidades de leitura e compreensão de imagens tornam-se “fundamental para a renovação e para o avanço da história cultural” (PAIVA, 2006, p.31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura visual como prática de pesquisa e ensino - que constitui relações com outros sentidos e linguagens, que se cria e se discute significados-, apresenta-se como um desafio entre os historiadores. A ausência da cultura visual contemporânea se deve à supervalorização do texto escrito em detrimento das fontes imagéticas. A cada dia que passa, mais imagens são produzidas, sejam elas para fins mercadológicos ou educativos, sendo necessário o que chamamos de “alfabetização visual”, para que seja possível a

realização da leitura de imagens para a pesquisa em História. Para além da existência das imagens, é necessário saber elaborar a leitura desse material, considerando as especificidades de cada imagem e as possíveis relações com outras imagens e textos.

Partindo desse pressuposto, de que o estudo com imagens requer ir além da estética, a apropriação dessa linguagem precisa ser realizada no tempo e no espaço, contextualizando o cotidiano e a história vivida dos sujeitos no tempo. Contribuindo com esse pensamento, Manguel (2001, p.27) propõe pensar a iconografia no seu contexto, pois “[...] podemos saber algo sobre o pintor e sobre o seu mundo; podemos ter alguma idéia das influências que moldaram sua visão; se tivermos consciência do anacronismo, podemos ter o cuidado de não traduzir essa visão pela nossa”.

Ao realizar a leitura de fontes visuais, cabe ao pesquisador considerar o seu caráter temporal. Pensar a iconografia como objeto de pesquisa e fonte histórica nos remete considerar suas possibilidades e ao mesmo tempo as suas fragilidades, haja vista que “não é o retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou objetos históricos, assim como teriam acontecido ou assim como teriam sido. Isso é irreal e muito pretensioso” (PAIVA, 2006, p.19-20). Mais do que o texto, a imagem tem o poder de fixação que ao longo do tempo porta-se com fascínio e evocação: seduzem, cativam e encantam; comunicam, prendem o leitor, emocionam. Esse fascínio tem envolvido historiadores em busca de aventura num mar revolto, inseguro muitas vezes para se navegar, porém, com possibilidades ilimitadas de leituras do mundo.

9

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993, 331p.
- BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar T. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, 70p.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1974, 116 p.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

_____. (org.). **A Escrita da História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. Conferir o Ano do Livro: 1992, p.7-38.

_____. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, 244p.

_____. Imagens. In: BURGUIÈRE, André (org.). **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993, p.405-408.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo História**: reflexão e ensino. São Paulo: Editorado Brasil, 2009, 143p.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 598p.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1996, 152 p.

MAGALHÃES, Olga. **Concepções de História e de Ensino da História**: um estudo no Alentejo. Lisboa: Edições Colibri - CIDEHUS-Universidade de Évora, 2002, 243p.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história, possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs). **A leitura de imagens na pesquisa social**: história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004, p.19-36.

NAPOLITANO, Marcos. **A História depois do papel**: os historiadores e as fontes audiovisuais e musicais. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p.235-289.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. IN: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percurso em história cultural. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008, p.11-18.

_____. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008, 130p.

REIS, José Carlos. **A História, entre a Filosofia e a Ciência**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. **Escola dos Annales**: a inovação em história. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RIBEIRO, José da Silva. **Antropologia visual**: da minúcia do olhar ao olhar distanciado. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2004.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

SANTAELLA, Lucia. **Imagem**: cognição, semiótica e mídia. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, v.36, n. 128, p.451-472, maio/ago. 2006. Acessado em: 20 de outubro de 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a09.pdf>